

FORTIFIED INFINITY

de Wolfgang Wirth

O nosso termo “limite” deriva da palavra latina *limes*, que indicava uma estrada fortificada em defesa de um território. Apercebemo-nos que no vocábulo latino coexistiam duas dimensões: uma primeira material ligada à fiscalidade de um lugar; e uma outra abstrata, onde a ação de defesa pressupõe uma diferenciação entre dentro e fora, inclusão e exclusão. Este enfoque arqueológico vai permitir desdobrar os significados explícitos e implícitos nas obras mais recentes de Wolfgang Wirth apresentadas na exposição *FORTIFIED INFINITY*. Com efeito, a perspetiva arqueológica é parte integrante da metodologia do artista: as plantas das fortificações militares de Elvas e Olivença são as bases para a reflexão sobre o sentido comum de limite.

O díptico *Stars (Reflections on a Landscape)* apresenta as plantas estilizadas como estrelas inseridas em paisagens naturais imaginárias. Todavia, estas fortalezas revelam-se ser obstáculos visuais na apreciação da imagem: os espelhos contidos interferem com a nossa visão, numa tentativa de incluir o espetador e em simultâneo de destruir os confins da imagem.

Da mesma forma, em *Black Hole I + II* a planta da fortaleza impõe-se como um filtro: o preto, que na teoria artística é a ausência de cor, esvazia o monumento histórico das suas significações, permitindo ao nosso olhar de preencher este espaço.

Na série de nove serigrafias intituladas de *Shapes*, através da estilização, Wirth cria um padrão jogando com os volumes das linhas da planta da fortaleza. Com este mecanismo artístico, o valor histórico/político deste monumento não passa mais pelo seu aspetto físico, mas é desestruturado pela repetição alterada e alternada da plantas estilizadas.

No espaço da galeria são expostas também duas esculturas. A primeira é posicionada logo na parede da entrada e pode ser considerada como um portal de acesso à exposição, onde, através das cores, o artista inclui (e cria) novas significações na reconstrução da fortaleza em madeira. O outro objeto escultural é formado por espelhos e remete também pela função não de exclusão, mas antes de inclusão: de facto, todos os elementos que o rodeiam são refletidos e dialogam na sua superfície.

Entre todas as obras, *Wall* é o trabalho realizado por Wirth em contacto direto com o monumento histórico: aproximando-nos percebemos que os papéis são o resultado da técnica de *frottage*, isto é, o artista recalcou com pastel partes dos muros da fortaleza de Elvas. O monumento reproduzido subtrai-se, assim, ao seu próprio percurso temporal para entrar na galeria como momento de reflexão sobre o limiar do limite.

Gostava de terminar sublinhando a contemporaneidade social das obras de Wirth presentes nesta exposição. Os seus trabalhos refletem a nossa condição pessoal e coletiva de interrogarmos sobre o diferente de nós, o outro e os limites das nossas relações com este diferente/outro. Mas talvez seria melhor repensar o mesmo conceito de limite voltando novamente a raiz latina da palavra: não apenas como *limes*, mas também como *limen*, que significa limiar, entrada. Nesta perspetiva, Wirth repensa a fortaleza sob a ótica de um (não)limite: algo que separa, mas que em simultâneo pode – e deve – unir permitindo um diálogo aberto e fecundo.

Filippo de Tomasi
Março 2018

Wolfgang Wirth (1966, Innsbruck, Áustria) Vive e trabalha em Viena de Áustria.

Estudou na Universidade de Salzburg, Áustria, e é membro do grupo artístico Alpine Gothic. Wolfgang Wirth já realizou exposições nos países mais variados, da Europa (Alemanha, Áustria, Espanha, Países Baixos e Polónia) aos Estados Unidos da América.

“As imagens e a percepção são dois conceitos que marcam, como horizonte de significado na pintura de Wolfgang Wirth dois pontos de fuga, perspectivando o seu pensamento artístico.

As imagens são como superfícies de um sistema mental sobre as quais as cores e as formas são organizados – através do meio da pintura... O artista alarga a superfície pictórica sucessivamente para se tornar objecto pictórico, criando dessa forma matéria de experiência, que acrescenta ao conhecimento visual uma dimensão real e especial.”

O seu trabalho artístico tem vindo a interrogar o tema e conceito “fronteira”, nas suas formas geográficas e visuais, deslocando pictoricamente linhas e formas dos mapas antigos e originais sobre os quais intervém, criando labirintos e sobreposições poéticas que esclarecem a arbitrariedade alheia e humana em que muitas destas fronteiras estão baseadas.

(En. Vs.)

GALERIA
BELO-
GALSTERER

FORTIFIED INFINITY de Wolfgang Wirth

Our expression ‘limit’ comes from the Latin word *limes*, which were fortified roads in defense of the territory. We realize that in the Latin vocabulary coexisted two dimensions: a first material one related to the physicality of a place; and another abstract one, where the action of defense presupposes a differentiation between inside and outside, inclusion and exclusion. This more archeological approach will allow us to unfold the explicit and implicit meanings of the most recent works by Wolfgang Wirth, presented in this exhibition: *FORTIFIED INFINITY*. Thus, the archeological perspective integrates the methodology of the artist: the plans of the military fortresses of Elvas and Olivença serve as basis for a general reflection on limits.

The diptych *Stars (Reflections on a Landscape)* presents these maps in a more stylized way as the stars are inserted into imaginary yet natural landscapes. Nevertheless, these fortresses reveal themselves to be visual obstacles for its appreciation: the mirrors, which are part of the image, interfere with our vision, in an attempt to include the viewer and at the same time destroying the borders of the image.

Similarly, in *Black Hole I + II* the plant of the fortress imposes itself as a filter: black, which in art theory is the absence of color, on the one hand empties the historical monument of its meaning, allowing our eyes to fill in the space on the other hand.

In the series of nine silk-screen prints entitled *Shapes*, using a stronger stylization, Wirth creates a pattern playing with the lines of the fortress’ map. Applying this artistic mechanism, the historical/political value of this monument, no longer gets its meaning from the physical aspect, but is deconstructed by the altered and alternating repetition of the stylized maps.

In the gallery space there are also two sculptures present. The first one is positioned at the front wall of the gallery entrance space and can be considered a gateway to the exhibition itself, where through colors, the artist combines and creates new significations in the reconstruction of the wooden fortress. The other sculptural project is formed by mirrors and refers also to a function not of exclusion, but of inclusion: as a fact, all of the surrounding elements are reflected in its surface and dialogue with it.

Among all the works of this exhibition, *Wall* is the one accomplished by Wirth in direct contact with the historical monument: coming closer, we understand that the papers are the result of the use of the frottage technique, which is: the artist transferring with dry oil pastel parts of the walls of the Elvas fortress. The reproduced monument, retracted like this of its own history in space, enters the gallery as a momentum of reflection over the threshold’s end.

I would like to finish by highlighting the social contemporaneity of Wirth’s artworks presented in this exhibition. His works reflect our personal and collective condition of interrogation about the differences between us, the other and the limits of our relationship with this different/other. But maybe it would be better to rethink this concept of limit by turning again to the Latin word: not only as *limes*, but also as *limen*, which means beginning, entrance. In this perspective, Wirth rethinks the fortress from the point of view of a (non-) limit: something that separates, but simultaneously could – and should – unite, allowing an open and fruitful dialogue.

Filippo de Tomasi
Marco 2018

Wolfgang Wirth (1966, Innsbruck, Austria) Lives and works in Vienna.

He studied at the University of Salzburg, Austria, and is a member of the art group Alpine Gothic. Wolfgang Wirth has realized exhibitions in the international art scene, from Europe (Austria, Germany, Netherlands, Poland, Spain, Switzerland, etc.) to the United States of America.

“His artistic work can be compared to the one of research activity. Painting and the reflected use of painting material does not only create images, but also makes possible the acts of knowledge that are created through our observation, which enrich and change the perception of visual objects.” (Kurt Kladler)



EMBAIXADA
DA ÁUSTRIA
LISBOA

Special Thanks to the Austrian Embassy in Lisbon.
Agradecimentos especiais: Embaixada da Áustria em Lisboa

AVESSA

de Rita Gaspar Vieira

Desenho Acumulado

Há nas experiências artísticas de Rita Gaspar Vieira, no seu confronto mito-poético com a materialidade da folha de papel, do “papel de algodão manufaturado” (com a elasticidade, adesão, depuração, deposição, com as propriedades orgânicas deste material), uma refuncionalização anti-mimética do Desenho. Este é um confronto que é produto de uma autocracia - isto é, produto da construção e espacialização de uma identidade (de uma artista específica) que se reincorpora no Desenho (enquanto campo disciplinar historicamente determinado) e que afeta a forma como contextualizamos, entendemos a sua “coletividade” e a sua genealogia (os múltiplos autores do desenho contemporâneo); um confronto que se faz, portanto, em torno de uma consciência e mediação auto narrativas - o complexo de experiências que tornou, na Rita Gaspar Vieira, o pensamento numa instância artística, e a prática artística num modo de pensar e de se relacionar com o mundo.

Uma ressalva: esta realidade, a relação desigual que favorece o autor (a artista) e que o incrementa como interlocutor (mas não como absolutismo) da sua obra, organiza o nosso (o meu) posicionamento interpretativo e desativa qualquer valor prescritivo no que aqui escrevo. Estas palavras constituem-se, como uma das formas de me aproximar: uma apresentação imaginativa consciente de que o direito a hesitarmos permanece e é necessário. Nada fica resolvido, mas ampliar-se-á a legibilidade do que a obra nos diz, do que nos parece dizer, no que nela discernimos como possibilidade inclusivamente a ilusão de que esse “parece dizer” é verosímil.

Na obra da Rita Gaspar Vieira, o desenho regressa à itinerância, ao vestígio, à sua ontologia de rastro, de marcação do tempo no espaço (algures Claude Lévi-Strauss definiu o mito como o tempo que se torna espaço); ele é, literalmente, o campo haptico onde se exercem e se condensam ações que contrariam a sua integridade, que tornam irreversível a sua metamorfose não apenas numa imagem, num veículo de manchas, de durações e intensidades gráficas mas numa coisa palpável, portátil, (o desenho é dobrado, torcido, demolhado, despejado, o desenho é o acontecer dessa violência); essas ações que no fundo são testes empíricos à resistência e à disagregação do papel, testes sobre o limiar do irreversível onde as propriedades invariantes do papel se convertem na sua imagem; essas ações, dizia, enunciavam também o prolongamento escultórico do desenho: a forma plana e finita ganha extensão através da dobra, da suspensão, da liquefação, da concatenação entre zonas do plano que são simétricas e antagonistas.

No corpo da obra de Gaspar Vieira o desenho revela-se como uma topologia. A folha não é um espaço ocupado, uma acumulação de analogias mas uma acumulação de presenças, de durações, que reconciliam a anti-mimese da superfície-desenho e o vazio exterior. Superfície-desenho que é ela própria um recorte no informe, uma área definida e padronizada, e que também é alterada, provocada na sua natureza físico-química segundo uma intencionalidade, segundo uma antropologia do desenho. Dito de outro modo o desenho parece ser aqui uma avaliação performativa do desfasamento que o tempo produz entre história e quotidiano. O vazio exterior que me refiro é a realidade dos fenómenos, dos horários, do clima, da vocalidade, da estética; um vazio que no âmbito do desenho resulta da interposição do grafo, da inscrição que separa a forma do fundo, o gesto do plano cénico, mas é igualmente o resultado de um gesto construtivo, modelador, quase arquitectónico que lhe dá equivalência e continuidade com essa superfície-desenho.

Pedro Pousada, 25 de Março de 2018

Rita Gaspar Vieira (1976, Leiria) Vive e trabalha entre Lisboa e Leiria.

Rita Gaspar Vieira é licenciada em Artes Plásticas/Pintura, Mestre em Teorias da Arte e Doutorada em Belas-Artes na especialidade de Desenho, pela FBAUL, Lisboa.

Iniciou a sua atividade expositiva na segunda metade da década de 2000. Expõe regularmente no âmbito nacional, tendo como intervenção em espaços públicos a obra S.P.M. (com parceria de Nuno Sousa Vieira), no Jardim de S. Agostinho, Leiria, realizada em 2004.

Destacam-se as seguintes exposições individuais: em 2018: Symposium, Appleton Square, Lisboa (curadoria de Sérgio Fazenda Rodrigues); em 2016, Voyage autour de ma chambre – Projeto Q22, Colégio das Artes, Coimbra; em 2015, R/C Esq., Avenida de Madrid, Lisboa; em 2014, Marca D'Água #1 – Projeto para Empty Cube (curadoria de João Silvério); Linha D'Água, Museu de Santa Clara-a-Velha, Ciclo Espelho, Coimbra (curadoria de Andreia Poças) e Lugar Casa, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra – Sede, Coimbra (curadoria de Andreia Poças).

O seu trabalho está representado em coleções institucionais como a Coleção PLMJ, e Câmara Municipal de Leiria e ainda em várias coleções privadas.

AVESSA de Rita Gaspar Vieira

Accumulated Drawing

In the artistic practice of Rita Gaspar Vieira, searching for a mythical-poetical confrontation in the materiality of the paper sheet, of the “manufactured cotton paper” (through the elasticity, adherence, depuration, deposition, and the organic properties of this material), exists an anti-mimetic re-functionalization of Drawing. This is a confrontation, a product of an autocracy; meaning: the result of the construction and volumetric affirmation of an identity (of a specific artist), that reincorporates in Drawing (as an historically determined discipline) affecting the way we contextualize and understand our “collectivity” and its genealogy (the multiple authors of contemporary drawing); a confrontation that is made, therefore, around a self-narrative awareness and mediation – the complex of experiences that formed, in Rita Gaspar Vieira, the thought in an artistic manner, and her artistic practice as a way of thinking and relating herself with the world.

One thought to hold on to: this reality, the unequal relation, which favors the author (the artist in question) and raises her to be the correspondent (but not in an absolutistic way) of her work, it organizes our (my) interpretative positioning and deactivates any prescriptive form or evaluation in what is written here.

These words of mine constitute themselves as a way of approximation: an imaginative presentation, but conscious that the right to hesitate is still remaining and necessary. Nothing is solved, but these words will broaden the legibility of what the work tells us, and inside of this we acknowledge inclusively the possibility of an illusionary “it seems to say” as plausible.

In Rita Gaspar Vieira’s work, drawing returns to its faculty of itinerary, vestige, to its ontology of the trace, of being a mark of time in space (somewhere Claude Lévi-Strauss defined the myth of how time becomes space); drawing is, literally, the haptic field where actions that contradict its integrity get activated and condensed, actions that turn irreversible not only its metamorphosis into an image, into a vehicle of traces, of graphic durations and intensities, but into something tangible, portable (the drawing is folded, torn, humidified, scattered; drawing is making this violence happen); these actions that are essentially empirical tests to the resistance and disintegration of paper, tests about the irreversible limit of the invariable properties of paper become its image. These actions, I would say, also announce the sculptural extension of the drawing: the plain and finite form grows because of the fold, the suspension, the separation, the chaining of materials between areas that are from different symmetrical and antagonistic plans.

In Gaspar Vieira’s oeuvre drawing reveals itself as a topology. The sheet is not an occupied space, an accumulation of analogies, but an accumulation of presences, of durations, which reconcile the anti-mimesis of the surface-drawing and the external emptiness. Surface-drawing is itself a cut-out of the inform, a defined and standardizes area that is again changed, provoked in its physical-chemical nature by a certain intention, following an anthropology of drawing. Said otherwise, in this case, drawing seems to be a performative evaluation of the disconnection produced by the time-lapse between history and daily-life. The outer emptiness, I’m referring to, is the reality of phenomena, of time zones, of climate, of vocality, of esthetics; an emptiness that – when applied to drawing – results in an interposition of the plot, in an inscription that separates form from background, gesture from the scene, but is equally the result of a constructive gesture, a designing one, almost architectural gesture, which gives the surface-drawing its equivalency and continuity.

Pedro Pousada, 25 de Março de 2018

Rita Gaspar Vieira (Leiria, 1976) Lives and works between Lisbon and Leiria.

Rita Gaspar Vieira graduated in Visual Arts – she holds a Bachelor in Painting. She received a Master’s degree in Theories of Art and holds a PhD in Fine Arts with specialization in Drawing. All academic training was undertaken at FBAUL in Lisbon.

She began to exhibit in the second half of the 2000s, working mostly with used objects, wood and paper.

We would like to highlight the following solo exhibitions: in 2018, Symposium, Appleton Square, Lisbon (curated by Sérgio Fazenda Rodrigues); in 2016, Voyage autour de ma chambre – Projeto Q22, Colégio das Artes, Coimbra, PT; in 2015, R/C Esq., Avenida de Madrid, Lisbon; in 2014, Marca D’Água #1 – Projeto para Empty Cube (curated by João Silvério); Linha D’Água, Museu de Santa Clara-a-Velha, Ciclo Espelho, Coimbra, PT (curated by Andreia Poças) and Lugar Casa, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra / HQ, Coimbra, PT (curated by Andreia Poças).

Her work is part of several institutional collections as the PLMJ Collection and the Town Hall Collection of Leiria, PT, as well as being part of diverse private collections in Portugal.